

# IRÃ APRIMORA SUA ESTRATÉGIA DE DISSUAÇÃO

Por M. K. Bhadrakumar\*



*O então presidente eleito do Irã, Masoud Pezeshkian (esq.), ao lado do líder supremo, aiatolá Ali Khamenei, em cerimônia de luto em Teerã, Irã, sexta-feira, 12 de julho de 2024 (Gabinete do líder supremo iraniano via AP).*

*No pensamento inteligente o cérebro tem precedência sobre a força bruta, e nisso o Irã vence os sionistas obstinados de Tel Aviv que ainda chafurdam na cultura da Nakba.*

**A** última versão israelense diz que o Irã não consegue decidir se vai retaliar ou não pelo assassinato do líder do Hamas, Ismail Haniyeh, em 28 de julho durante uma visita a Teerã para a posse do presidente Masoud Pezeshkian.

A hipótese aqui é que deve haver um impasse entre Masoud Pezeshkian e os linhadura do Corpo da Guarda Revolucionária Islâmica (IRGC) com o novo presidente resistindo a qualquer estratégia agressiva contra Israel.

*Prima facie*, é uma versão ridícula. Mas o Irã a refutou, no entanto, com o ministro das Relações Exteriores em exercício, Ali Bagheri Kani, afirmando recentemente, na noite de sábado, que Teerã “fará o regime agressor israelense pagar o preço por sua agressão em uma ação legítima e decisiva”. Essas foram palavras cuidadosamente escolhidas.

Mas como é que o Irã não agiu por 15 dias já? Vários fatores estão em jogo aqui. Primeiro, Pezeshkian ainda não formou seu governo. Ele submeteu sua [lista de ministros propostos](#) ao Parlamento para aprovação apenas ontem. O poder executivo do governo continua com o funcionamento diário.

No entanto, de acordo com a mídia russa, Pezeshkian falou sobre o ataque retaliatório do Irã contra Israel em uma reunião com o Secretário do Conselho de Segurança russo Sergei Shoigu em 5 de julho em Teerã.

Dito isso, não descarte que possa haver alguma [calibração no tempo](#). Afinal, Israel está em pânico e relatos dizem que as pessoas ficam acordadas à noite temendo um ataque iraniano. [De acordo com a IRNA](#), o primeiro-ministro Benjamin Netanyahu, apesar de toda sua bravata, evacuou quatro das importantes bases de inteligência e segurança de Israel em Tel Aviv.

Em segundo lugar, o Irã não agirá como “spoiler” quando os estados regionais e os EUA estiverem fazendo de tudo para retomar os fios das negociações de cessar-fogo em Gaza entre o Hamas e Israel. O fato de Israel ter concordado com as negociações na quinta-feira sugere que [Netanyahu também vê vantagens](#) em retornar à mesa de negociações.

Claro, o Irã também estará pesando cuidadosamente a escala de seu ataque a Israel. Afinal, Haniyeh foi morto em uma operação secreta na qual não houve nenhuma baixa iraniana.

No entanto, o [ponto decisivo será o progresso nas próximas negociações](#). O Irã pode adiar completamente a operação se o lado israelense der garantias nas negociações de não invadir o Líbano e retirar as tropas da Faixa de Gaza.

Teerã poderia potencialmente reconsiderar sua posição se uma mudança radical ocorrer na situação na região após a conclusão de uma trégua entre o Hamas e Israel. As expectativas estão altas. E, não se engane, Teerã tem uma equação muito mais próxima com [Yahya Sinwar](#) do que tinha com Haniyeh.

Portanto, a diplomacia de alto risco desta semana que leva às negociações programadas para quinta-feira para garantir um acordo de reféns e cessar-fogo em Gaza se torna um ponto de inflexão.

A missão da ONU do Irã em Nova York disse em uma declaração na sexta-feira: “Nossa prioridade é estabelecer um cessar-fogo duradouro em Gaza. Qualquer acordo aceito pelo Hamas também será reconhecido por nós.” A declaração reiterou o direito do Irã à autodefesa contra Israel, mas também acrescentou: “No entanto, esperamos que nossa resposta seja cronometrada e conduzida de uma maneira que não prejudique o potencial cessar-fogo.”

Teerã está intensamente consciente de que o resultado das negociações Hamas-Israel (com a participação do diretor da CIA William Burns) em termos da libertação de reféns americanos é o material do legado presidencial de Joe Biden, tanto quanto tem o potencial para polir as perspectivas da candidata do Partido Democrata, Kamala Harris, na eleição de novembro.

A Jordânia está agindo como intermediária para permitir que Washington e Teerã sensibilizem um ao outro sobre suas respectivas fronteiras problemáticas. O ministro das Relações Exteriores da Jordânia, Ayman Safadi, visitou Teerã em 4 de agosto para conversas com Ali Bagheri. Eles se encontraram novamente à margem

da reunião extraordinária da OIC em Jeddah em 7 de agosto (que foi, a propósito, um [golpe diplomático](#) para Teerã). No meio tempo, Biden falou com o rei Abdullah da Jordânia.

A [transcrição da Casa Branca](#) disse que Biden e Abdullah “discutiram seus esforços para diminuir as tensões regionais, inclusive por meio de um cessar-fogo imediato e um acordo de libertação de reféns. O presidente agradeceu a Sua Majestade pela amizade e afirmou o apoio inabalável dos EUA à Jordânia como parceira e aliada na promoção da paz e segurança regionais”.

Enquanto isso, Biden está usando todos os canais disponíveis para moderar o ataque do Irã a Israel. Os americanos também se dissociaram abertamente do assassinato de Haniyeh. Eles teriam transmitido a Teerã que uma escalada está repleta de riscos de um conflito EUA-Irã, o que é evitável.

Finalmente, na gama de discursos sobre a retaliação do Irã, o que é geralmente esquecido é que os iranianos invariavelmente têm uma estratégia, ao contrário dos israelenses que recorrem a reações impulsivas. Portanto, o “quadro geral” se torna importante aqui.

O Irã não está procurando por guerra, especialmente quando ele tem se saído extremamente bem até agora para evitar perdas e virar o jogo contra Israel de maneira econômica. A imagem internacional de Israel está na lama e nem toda a água doce no Mar da Galileia pode lavar a sujeira.

A prioridade número um do Irã será remover as sanções ocidentais. O acordo do Líder Supremo Khamenei com Pezeshkian essencialmente se resume a melhorar a economia ao se livrar das sanções e tornar possível para o Irã ganhar seu lugar de direito na ordem internacional usando seus vastos recursos de forma otimizada.

Todos os principais pronunciamentos de Pezeshkian sinalizaram sua priorização das relações do Irã com o Ocidente. Obviamente, Pezeshkian está andando na corda bamba, como mostra o anúncio de Javad Zarif de sua renúncia como vice-presidente para assuntos estratégicos. Zarif está supostamente irritado porque o comitê diretor responsável pela seleção de candidatos escolheu apenas três dos 19 nomes que ele havia proposto para os cargos do gabinete!

Seja como for, [Abbas Araghchi](#), apresentado como o novo ministro das Relações Exteriores, serviu por oito anos como vice de Zarif durante a presidência de Hassan Rouhani, desempenhando um papel fundamental nas negociações nucleares (JCPOA) com o governo Obama. As potências europeias veem Araghchi como um “moderado”. De fato, ele é um interlocutor eficaz para Teerã nas capitais ocidentais – e é o sinal mais claro até agora de que a trajetória da política externa do Irã está se inclinando para o engajamento construtivo com o Ocidente.

O pensamento inteligente envolve o cérebro tendo precedência sobre a força bruta. É aí que o Irã ganha dos sionistas obstinados em Tel Aviv que ainda estão chafurdando na cultura da Nakba.

O Irã avaliou astutamente em um estágio muito inicial que as contradições eram inevitáveis nas equações Biden-Netanyahu pós-7 de outubro e que a agenda da Grande Israel e a estratégia Indo-Pacífico dos EUA estão puxando em direções opostas.

Da mesma forma, o Irã tirou as conclusões corretas do impasse em abril, quando demonstrou sua formidável capacidade militar para infligir dor a Israel, ao mesmo tempo em que levou os EUA a prevalecer sobre este último para não reagir! Em toda a crônica do tango EUA-Irã desde 1979, tal coisa nunca aconteceu antes.

Por que Teerã deveria desistir desse caminho que leva ao jardim de rosas? Com certeza, [Teerã infligirá dor ainda maior](#) a Israel do que em abril. Mas, fundamentalmente, o gorila de 900 libras em Tel Aviv tem que ser domado com uma mistura inteligente de *hard power* e *soft power* – e também envolve o Ocidente. E para esse fim, o [Irã se conterà](#) e permanecerá em um estado de limiar nuclear.

Publicado no [Indian Punchline](#).

---

*\*M. K. Bhadrakumar foi diplomata de carreira por 30 anos no Serviço de Relações Exteriores da Índia. Serviu na embaixada da Índia em Moscou em diversas funções e atuou na Divisão Irã-Paquistão-Afeganistão e na Unidade da Caxemira do Ministério das Relações Exteriores da Índia. Ocupou cargos nas missões indianas em Bonn, Colombo, Seul, Kuwait e Cabul; foi alto comissário interino adjunto em Islamabad e embaixador na Turquia e no Uzbequistão.*

---